

A LOVE SUPREME
PIGALLE POWERHOUSE
eUNICE TUDELA DE AZEVEDO



A LOVE SUPREME

TEXTO: Xavier Durringer TRADUÇÃO: Joana Frazão

ENCENAÇÃO: Andreia Bento, Nuno Gonçalo Rodrigues

INTERPRETAÇÃO: Andreia Bento CENOGRAFIA: Rita Lopes Alves

FIGURINOS: Rita Lopes Alves ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA: Francisco Silva

LUZ: Pedro Domingos SOM: André Pires

APOIO AO MOVIMENTO: M. Matias / Belle Dommage

COORDENAÇÃO TÉCNICA: Diana dos Santos

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO: Diana César, Joana Pajuelo

ACOLHIMENTO: Karnart C.P.O.A.A.

LOCAL E DATA DE ESTREIA: Gabinete de Curiosidades Karnart, Lisboa,
6 de fevereiro de 2025

EUNICE TUDELA DE AZEVEDO

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

SINAIS DE CENA

SÉRIE III NÚMERO 4
JUNHO DE 2025

*O que ofereço é um pequeno momento de evasão, crio um país
imaginário, reavivo nos clientes as suas próprias memórias (...).*

É isso, faço-os sair da rotina, dos problemas quotidianos.

Longe da realidade. Entram no meu mundo.

A Love Supreme, Xavier Durringer

Foi no Espaço Karnart, em Belém, antigo atelier de Lagoa Henriques, que os Artistas Unidos – **infelizmente, ainda sem casa para viver** – nos ofereceram o privilégio de entrar no mundo de Bianca, uma experiente *stripper* que se vê, de forma completamente inesperada, sem o seu ganha-pão de há trinta e dois anos, no *peep show* *A Love Supreme*, situado no coração do bairro Pigalle, em Paris. Este espetáculo, que se destaca do corpo de trabalho da companhia pela lotação limitadíssima e dispositivo cénico, é um verdadeiro *tour de force* de Andreia Bento, que, juntamente com Nuno Gonçalo Rodrigues, assina a encenação do poderosíssimo monólogo de hora e meia.

Quando entramos no espaço, Bianca encontra-se sentada ao toucador, em frente ao típico espelho de camarim, onde podemos ver alguns objetos – fotos, postais, acessórios – atempadamente evocados no desenrolar da sua história de vida. Há música ao fundo. Parece pronta para trabalhar. Está maquilhada; tem uma peruca estilo Cleópatra; um *cat-suit* preto rendado, uns saltos de igual cor, uma minissaia de lantejoulas carmim e uma blusa vermelha acetinada. Contudo, rapidamente percebemos que está, afinal, a arrumar os seus pertences para abandonar o espaço em que trabalhou desde que era uma jovem *punk* aspirante a bailarina/atriz vinda da província. Os novos patrões do *peep show*, que nem sequer sabem quem é John Coltrane, consideram que o seu corpo, aos cinquenta anos, já não é lucrativo o suficiente e é Tommy, o gerente de sempre, que lhe dá a notícia que

A LOVE SUPREME, DE XAVIER DURRINGER, ENC. ANDREIA BENTO E NUNO GONÇALO RODRIGUES,
ARTISTAS UNIDOS, 2024 (ANDREIA BENTO), [F] JORGE GONÇALVES.



surge como uma execução. Bianca não sabe o que vai fazer; não se preparou, não fez planos, não construiu nada para além da sua carreira. Pensou sempre que a escolha de parar seria sua.

À medida que o relato do episódio do seu despedimento se transforma no da sua história de vida, a ligação com o público evolui. Nasce uma maior cumplicidade com o espectador a partir do momento em que Bianca tira a peruca. Vamo-nos apercebendo de que não é só uma questão de estabilidade financeira – que já seria angústia o suficiente; constatamos que a sua vida é o *A Love Supreme*. Todas as suas memórias estão concentradas naquele lugar, onde entrou pela primeira vez com dezoito anos. Conheceu ali várias colegas de *métier*, amigas que recorda com saudade. Ali esteve grávida a trabalhar, ali foi mãe, ali viu o filho crescer, ali se apaixonou, ali ganhou dinheiro para sobreviver, ali viveu toda a sua vida. Ali e no cinema do bairro. Bianca divide-se entre o mundo de fantasia erótica do *peep show* e o mundo de fantasia do cinema, onde vive intensamente as criações de realizadores – Fassbinder, Wenders, Cassavetes – que vai referindo ao longo do espetáculo, com a nostalgia do sonho de ser atriz. Pode dizer-se que o concretizou, talvez não como sonhara quando veio para Paris tentar a sua sorte; talvez não da forma mais ortodoxa, mas concretizou-o, durante trinta e dois anos, em frente a milhares de estranhos. Como a própria refere, desempenhou muitos papéis no exercício da sua arte: colegial, enfermeira sado-maso, gatinha, burguesa reprimida, criadinha ingénua, *geisha*. E agora querem-na descartar como uma cómoda velha deixada no passeio.

O texto de Xavier Durringer, publicado em 2019 e escrito para a atriz Nadia Fabrizio, é uma gema preciosa que aborda muitas questões do universo feminino, como o corpo-objeto e o envelhecimento do mesmo, a violência sobre o corpo feminino, a sororidade, a maternidade,

o preconceito em relação a trabalhadoras da sua área ou a vulnerabilidade de mulheres com poucos recursos económicos ou migrantes num sistema capitalista e patriarcal. Já isto não é pouco, mas o texto não se esgota nisso e torna-se verdadeiramente universal, abordando tópicos como o amor, a solidariedade, a solidão, o sexo, a adição, o sonho, a família, o trabalho; e incide, também, como na tragédia grega, sobre a visão limitada que o ser humano tem no exercício das suas escolhas e nas respetivas consequências na sua história individual.

É especialmente atual a reflexão sobre a chegada das novas tecnologias que transformam por completo o mundo em que vivemos e, consequentemente, o mercado de trabalho. Não podemos deixar de sentir que o que Bianca diz sobre a evolução das condições laborais no seu *peep show* ecoa a forma como o trabalho é organizado e vivido nos tempos que correm:

É uma profissão que se está a perder para o lucro, este *métier* é uma metáfora da vida lá fora, eu senti todas as mudanças e a crise, senti tudo aqui, as mudanças, tão claramente como se sentisse um tremor de terra, os preços que subiram para os clientes e encolheram para as raparigas, o tempo de trabalho que aumentou e os tempos de pausa que diminuíram, os ritmos infernais que temos de aguentar, o falarem-nos com maus modos e a falta de consideração, por exemplo, aconselham-nos vivamente a trabalhar aos feriados e aos domingos, já não temos tempo para ir comer lá fora, comemos aqui às pressas, e o que recebemos já não acompanha a curva do Auchan! Há dez anos os mesmos 75 euros fixos por dia. (Durringer, 2024: 38)

Toda esta complexidade e riqueza de temas sobre a vida e a natureza humana ganha força com o magnífico desempenho de Andreia Bento,

A LOVE SUPREME, DE XAVIER DURRINGER, ENC. ANDREIA BENTO E NUNO GONÇALO RODRIGUES,
ARTISTAS UNIDOS, 2024 (ANDREIA BENTO), [F] JORGE GONÇALVES.



A LOVE SUPREME, DE XAVIER DURRINGER, ENC. ANDREIA BENTO E NUNO GONÇALO RODRIGUES,
ARTISTAS UNIDOS, 2024 (ANDREIA BENTO), [F] JORGE GONÇALVES.



que não só é capaz de prender a atenção dos espectadores durante todo o espetáculo como ocupa, com confiança, o espaço que Rita Lopes Alves muito inteligentemente criou e que se distancia por completo da proposta original de encenação (Dominique Pitoiset, 2020), que coloca Bianca numa lavandaria aberta vinte e quatro horas por dia.

Quando entramos na sala é quase como se estivéssemos a entrar num verdadeiro *peep show* pela primeira vez: a curiosidade e o entusiasmo, talvez até algum receio do desconhecido, são imediatos. Sabemos que vamos ter uma experiência diferente enquanto público ao sermos confrontados com a existência de um dispositivo cénico, uma estrutura circular de grandes dimensões, construída em madeira, simultaneamente *peep show* e camarim, composta por quinze *cabines*. Estas *cabines*, com separadores opacos entre cada espectador, impossibilitam-nos de ver outra coisa que não o interior da estrutura. O interior, todo em tons de vermelho, é alcatifado e enriquecido por um curioso jogo de espelhos que nos permite não só ver várias Biancas (retalhadas) ao mesmo tempo, como também ter um vislumbre dos outros espectadores que não se encontram diretamente à nossa frente e que estariam, de outro modo, fora do nosso campo de visão. Estamos também nós, espectadores, todos expostos perante a plateia, como só os atores costumam estar.

A ludicidade, e também uma certa dimensão transgressora do jogo de espelhos, oferece uma nova dimensão à experiência de ver: um estranho *voyeurismo*, que não só permite que se crie a habitual sensação de comunidade partilhada pelo mesmo público de um espetáculo – que talvez se pudesse perder com a disposição pouco tradicional dos espectadores pela sala – como a intensifica e aumenta, como se de uma lupa se tratasse. A ocasional atenção dada pela atriz a determinado espectador também contribui para que a intimidade se adense.

Quer o trabalho de luz de Pedro Domingos, quer a sonoplastia de André Pires, complementam o espaço cénico, compondo o ambiente de *peep show*, mas também assumem um carácter mais narrativo em alguns episódios relatados.

Este *A Love Supreme*, quer pela temática, quer pela proposta cénica, assume um dinamismo e uma novidade que fazem dele um espetáculo ousado e que permanece na memória do espectador muito para além do momento em que abandona a sala. No fim do espetáculo, ao som de Coltrane, abre-se um horizonte de esperança para Bianca; esperamos que o mesmo aconteça, em breve, para os Artistas Unidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURRINGER, Xavier (2024), *A Love Supreme*, Lisboa, Artistas Unidos e Snob.

